

## CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INADEQUADA\*

*Rubens Carlos de O. Moreira \*\**

**Resumo:** Este artigo procura dar uma visão geral sobre as aulas nas escolas públicas, a atuação do professor e seu comportamento diante do ensino, seus métodos de ensino e avaliação. É notório o descaso de alguns professores com a profissão e, sobretudo, com o futuro de seus alunos, que depositam confiança naqueles que julgam preparados e compromissados para orientá-los.

Caso não ocorra, urgentemente, uma mudança de comportamento dos envolvidos neste processo, inclusive os pais, não é possível vislumbrar mudanças no sistema educacional brasileiro das escolas públicas e particulares.

**Palavras-chave:** atuação do professor, educação, metodologias.

**Title:** *Considerations on an unfit pedagogical practice*

**Abstract:** *This paper aims at presenting a general survey of teaching at state schools, the teacher's practice and his behaviour concerning teaching, his teaching methods and evaluation. It is amazing how some teachers are callous towards their own job and – above all – the future of their students, who trust in people that are supposed to be well prepared to teach them. If an immediate change of behaviour concerning the people involved in such process – including parents – it will be impossible to foretell changes in the Brazilian educational system in State and private schools.*

**Key-words:** *teacher's role, education, methodologies.*

Ouve-se, com constância, um sem número de comentários a respeito do depauperamento do ensino público. Estas observações não nos são novas, porém sempre resta um fio de esperança de que tudo não passe de comentários desairosos ou, então, simples pontos de vista de quem transmite a informação.

O que se vê não agrada desde os primeiros minutos numa escola pública. Na sala dos professores, as críticas gratuitas contra o sistema, contra o governo e os alunos alastram-se fartamente. Na sala de aula as coisas são ainda piores.

Como figuras centrais no processo de ensino-aprendizagem, professores e alunos não se entendem. O professor, apático, desinteressado e descompromissado com tudo e com todos, é uma criatura sem atitude crítica e sem idéias claras e que, por conseqüência, não pode incentivar estas mesmas atitudes em seus alunos.

*“Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebem me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho”. (FREIRE, 2000, p. 109)*

Tem-se a impressão de que as aulas nunca são preparadas com antecedência por falta de empenho ou por pura negligência, são somente a experiência colocada a serviço dos alunos, de caráter dogmático e sem respeito às indagações dos alunos ou a seus conhecimentos, portanto; de forma abstrata. FREIRE (2000, p.66) explica-nos que “o

respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Vale ressaltar que, com freqüência, observam-se aulas que estão a serviço da motivação da classe. O que se vê é um abuso das aulas expositivas em detrimento de outras opções que sirvam de estímulo à curiosidade dos alunos e ao desejo de quererem saber cada vez mais.

Verificam-se professores com conhecimentos restritos ou mesmo com má vontade de propiciar aos alunos uma aula mais dinâmica e alegre. É possível relacionar ainda a ausência completa de métodos modernos de ensino e em concordância com o nível da turma (geralmente abaixo da capacidade cognitiva dos alunos, tratando-os, amiúde, como pessoas com retardo mental). Como falar em motivação<sup>1</sup> num clima destes, ainda que os alunos apresentem determinada disposição para aprender?

Raramente o professor “tenta” utilizar o recurso do vídeo/TV. Parece-nos que os demais recursos à disposição do educador não passam de meros recursos para adornar a aula, portanto, desnecessários ou inúteis.

No nosso entender, resta àqueles professores se dignarem a utilizar com mais freqüência ao menos o livro didático, que pode ser tomado de empréstimo da biblioteca, uma vez que a escola participa do PNLD<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Motivação é a soma do motivo com o incentivo. Incentivo é o processo externo que vai despertar o “motivo” no indivíduo. Incentivo é a ação de fora para dentro. Motivo é reação, neste caso, de dentro para fora. ZÓBOLI (1997, p.17).

<sup>2</sup> PNLD – O Programa Nacional do Livro Didático é uma iniciativa do Ministério da Educação que, por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, busca suprir as escolas públicas de ensino fundamental, devidamente cadastradas no Censo Escolar, com livros didáticos gratuitos e de qualidade, para as disciplinas de Língua Portuguesa/Alfabetização, Matemática, Ciências, Estudos Sociais/História e Geografia.

\* Data de recebimento para publicação: 12/12/2001.

Texto orientado pela Professora de Prática de Ensino / Estágio Supervisionado Dinéia Hypolitto do Curso de Formação de Professores.

\*\* Bacharel em Letras e licenciado pelo Curso de Formação de Professores da Universidade São Judas Tadeu.

As pouquíssimas vezes em que isto acontece não é decorrente da necessidade de o professor utilizar um instrumento valioso na sua atividade, não é como apoio ou referencial para a atividade pedagógica, mas sim como forma de se livrar da necessidade de escrever à lousa e aproveitar este tempo livre para dar andamento aos assuntos de ordem particular ou aos inerentes à escola privada onde também leciona. Enfim, o livro didático não passa senão de mera fonte de “cópia”. ZÓBOLI observa a este respeito que:

*“Por meio do uso do livro didático em sala de aula, o professor irá desenvolver nos alunos o hábito de estudar sozinho para se informar e resolver problemas, o que os levará a adquirir independência”.* (1997, p.101)

O livro didático, portanto, deve ser encarado como um instrumento que desperta a curiosidade para desenvolver ou despertar o hábito de estudar, de ler. Em nenhum momento é utilizado como um recurso facilitador da aprendizagem, poucas vezes seu uso está adequado ao contexto da aula. O que se vê é o professor, ainda que inconscientemente, mostrar que o livro tem por finalidade exclusiva servir de paradigma da verdade absoluta e que é dispensável pensar. Observemos o que ROSA nos relata acerca do livro didático:

*“... a forma como propôs a atividade, ao contrário de despertar o gosto e criar o hábito de leitura, afastava as crianças dessa prática, seja porque a obrigação ocupava o lugar do prazer, seja porque deslocava o interesse pela leitura para o de agradar à professora”.* (2000, p. 76)

Assim, é claro que certos professores vêm utilizando a mesma prática faz anos, sem se preocuparem com o desenvolvimento cultural e intelectual de cada aluno. É a mesmice a serviço da transformação de seus alunos em verdadeiros sujeitos alienados, domados para serem condescendentes com tudo e com todos, sem capacidade para contestar. É, em suma, uma atuação tacanha. Nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo, não se vê atendida a orientação importante que consta do PCN<sup>3</sup> sobre a necessidade de “preparar os alunos para poder competir em situação de igualdade com aqueles que julgam ter o domínio social da língua”. FERACINE assim aborda a esse respeito:

*“No cotidiano de sua vida fora da escola, seus discípulos irão reproduzir modelos de comportamento incorporados cegamente; irão aceitar as leis sem discuti-las, irão entrar no*

*mercado de trabalho sem questionar o sentido da própria participação”.* (1990, p. 45).

Se considerarmos que do grupo de alunos destes professores muitos têm o pendor para a educação, podemos desde já projetar o futuro do ensino no Brasil: o velho modelo escolar baseado em aulas expositivas – de péssima qualidade, diga-se de passagem – e plena de conteúdos. ROSA explica-nos acerca da influência que os professores exercem sobre seus alunos:

*“Ao contrário do que se supõe, a história da formação do professor não se inicia nos cursos de magistério ou de pedagogia, em cujos currículos se discutem questões educacionais. Mas sim quando do contato com o primeiro professor. Essa experiência remota... é muito mais eficiente do que os conteúdos formais presentes nos currículos”.* (2000, p. 84).

Como pretender transformar alguém, se determinados professores não são capazes de acompanhar as mudanças que se verificam no mundo moderno? Faz-se necessário preparar o indivíduo para um mundo em constante mudança e cheio de novidades tecnológicas. É esta a visão do verdadeiro profissional segundo NASCIMENTO:

*“É possível afirmar, ainda, que o professor que se deseja formar deve ser alguém criativo, que utilize esta criatividade em seu fazer pedagógico; um professor que esteja consciente do seu poder de transformação e de seus limites como educador e como cidadão; um professor que saiba fazer ligação entre o mundo exterior e o que se passa no interior da sala de aula”.* (1997, p. 73).

O que se espera é encontrar um grupo de professores preocupados em conversar, trocar idéias e, sobretudo, decorrente da experiência individual, sugerir mudanças, inclusive deles próprios.

Um problema que aflige a sociedade e, conseqüentemente, a escola, é a violência dos alunos. Deve-se atentar para o fato que rebeldia ou indisciplina não são características inatas do ser humano. Então, no contexto escolar, de quem é a culpa?

É comum atribuir este tipo de comportamento em sala de aula como resultado da pobreza, da violência social, dos meios de comunicação, mormente a televisão, e da educação recebida na família. Também na escola a atitude do professor tem influência no comportamento indesejável de seus alunos.

O clima da sala refletirá a atitude do professor. Essa atitude acaba por se reduzir ao poder de controle e a aplicação de penalidades, e a disciplina<sup>4</sup> é sinônimo de ordem e submissão. É agindo desta maneira que o

<sup>3</sup> PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais são referências que servem de reorientação curricular e constituem o eixo norteador da política educacional. Com o PCN o governo cumpre o que determina o artigo 210 da Constituição e o artigo 26 da Lei de Diretrizes de Base (LDB). Para maiores informações ver a página do MEC na Internet ([www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)).

<sup>4</sup> O dicionário Aurélio assim conceitua disciplina: 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. 5. Submissão a um regulamento.

professor acredita que manterá o controle sobre a classe. REGO aponta-nos os erros que ordinariamente ajudam a desencadear a indisciplina:

*“...propostas curriculares problemáticas e metodologias que subestimam a capacidade do aluno (assuntos pouco interessantes ou fáceis demais), cobrança excessiva da postura sentada, inadequação da organização do espaço da sala de aula e do tempo para realização das atividades, excessiva centralização na figura do professor, pouco incentivo à autonomia e às interações entre alunos, constante uso de sanções e ameaças visando ao silêncio da classe, pouco diálogo etc.” (1996, p. 100).*

Não bastasse toda esta variedade de problemas, esses mesmos professores pecam no quesito da avaliação. Nesta prática também se verifica o conservadorismo: prova, nota e boletim. A prática avaliativa que se verifica é a mera soma das notas alcançadas nas poucas tarefas propostas para, ao final do ano letivo, proferir um veredicto: aprovado ou reprovado. Não se procura avaliar mediante a análise da construção e aquisição do conhecimento de cada aluno. HOFFMANN faz a seguinte consideração:

*“O procedimento de testar e medir vem servindo sobremaneira à bandeira da justiça dos educadores. Essa justiça da precisão desconsidera, entretanto, a reciprocidade intelectual que pode se desenvolver através de um método investigativo sobre as manifestações do educando, a discussão das idéias, a argumentação e contra-argumentação aluno e professor, numa reflexão conjunta.” (1995, p. 61)*

A avaliação nos moldes que se relata acima gera um ambiente tenso que limita a conquista do saber. A avaliação deve levar em conta as diversas manifestações dos alunos, considerando-se as soluções propostas para os problemas que lhes são apresentados, pois esta atitude é o indicador de que estão exercitando a aprendizagem.

Portanto, deve-se considerar a avaliação uma ferramenta que auxilie o professor a observar o progresso do aluno na construção de seu conhecimento. Assim observa HOFFMANN acerca da avaliação: “O professor deve estar livre da herança pedagógica de avaliação de que ele próprio foi vítima e se atentar para a opinião de seus alunos”. (1995, p. 79).

Complementando ainda o processo de avaliação, resta ainda um comentário acerca dos Conselhos de Classe. O que se presencia é uma reunião de professores que têm por obrigação repassar as notas do bimestre à Coordenadora Pedagógica, fazer intrigas contra este ou aquele aluno e contra esta ou aquela classe.

Em suma, não se vêem os professores facilitar este processo natural da aprendizagem, criando situações dentro e fora de sala de aula, nas quais os alunos sejam desafiados

intelectualmente a resolver com seus colegas os problemas que lhes são apresentados.

Resta-nos de tudo isto uma pergunta: Por que não mudar esta situação? Temos consciência de que uma mudança traz o desconhecido e este, por sua vez, gera a insegurança, a incerteza, bem como esta mudança pode encontrar uma barreira no comodismo. De qualquer forma, é compreensível o aparecimento do obstáculo que se levanta diante da perspectiva de mudar. No entanto, nada pode ser pior do que este arremedo de educação em que é bastante própria a frase de Werneck: “eu finjo que ensino e você finge que aprende”. ROSA (2000, p. 21) assim aborda a questão: “O novo ameaça porque, em alguma medida, impõe a tarefa, muito pouco confortável, de reverter”.

O modelo atual (ou antigo?) não pode mais perdurar. A escola de hoje tem que preparar o indivíduo para o futuro, tem que capacitá-lo para o exercício do livre arbítrio neste século que se inicia e que assiste atônito ao ritmo acelerado da produção do conhecimento e das tecnologias que transformam qualitativamente a organização da sociedade e, em particular, a própria produção do conhecimento.

Os alunos não podem passar pela escola sem que sejam transformados. São os alunos preparados para encarar esta sociedade desafiadora que mudarão este país. É na educação e nestes alunos transformados e, quiçá transformadores, que o Brasil encontrará o caminho para, se não acabar, pelo menos diminuir a segmentação social.

## BIBLIOGRAFIA

- FERACINE, Luiz. *O professor como agente de mudança social*. Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo. 1990.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra. 16ª edição. São Paulo. 2000.
- HYPOLITTO, Dinéia. *A Formação do Professor e o Estágio Supervisionado*. São Paulo: Editora Catálise. 2001.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliação: mito & desafio*. 18. ed. Porto Alegre: Mediação Editora.. 1995.
- NASCIMENTO, Maria das Graças. *A formação continuada dos professores: modelos, dimensões e problemática*. In: CANDAU, Vera Maria (Org.) *Magistério – Construção Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes. 1977.
- ROSA, Sanny S. da. *Construtivismo e mudança*. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora. 2000.
- ZÓBOLI, Graziela Bernardi. *Práticas de ensino para atividades docente*. São Paulo: Editora Ática. 1997.

\*\*\*\*\*